

O MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO UM SISTEMA DE EDUCAÇÃO

Heloisa Mara MENDES
Universidade Federal de Uberlândia
hlsmds@ileel.ufu.br

Resumo: O Museu da Língua Portuguesa, localizado na cidade de São Paulo – Brasil, surgiu em conformidade com o pensamento museológico contemporâneo, segundo o qual um museu tem como função social expor, para o deleite e educação do público, um conjunto de elementos de valor cultural. Considerando que a função social do Museu da Língua Portuguesa é ensinar língua portuguesa, a questão que se coloca, neste trabalho, é a de tentar descrever/analisar os discursos sobre a língua que emergem nos espaços expositivos do museu. Nossa análise, fundamentada nas reflexões de Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (2010), aborda o referido museu como um sistema de educação, noção que, para esse autor, é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. Nossa hipótese é a de que o Museu da Língua Portuguesa procura manter e preservar a apropriação dos discursos prescritivos sobre a língua, e a voz da Linguística, mais especificamente, da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, parece estar submetida à ordem desse sistema de educação.

Palavras-chave: Análise do Discurso francesa; Museu da Língua Portuguesa; discursos sobre língua; sistema de educação.

1. Introdução

Neste trabalho, procuramos analisar parte das instalações permanentes do Museu da Língua Portuguesa (MLP) e da exposição temporária *Menas: o certo do errado, o errado do certo* a partir das reflexões teóricas de Michel Foucault (2010) reunidas em *A ordem do discurso*. Para tanto, consideramos o MLP como um sistema de educação, ou seja, uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

Assumimos que o MLP possui uma função social educativa, a saber, ensinar língua portuguesa e procuramos descrever/analisar os discursos sobre a língua que emergem em seus espaços expositivos. Considerando um contexto em que a gramática tradicional parece, ainda hoje, ocupar uma posição central no ensino de língua portuguesa, e a Linguística parece não ter rompido os limites do meio acadêmico a ponto de promover uma revolução no ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras, ela teria sido capaz de fundamentar o discurso sobre língua que emerge no MLP? Nossa hipótese é a de que o MLP procura manter e preservar a apropriação dos discursos prescritivos sobre a língua, e a voz da Linguística, mais especificamente o que se diz sobre língua a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, parece estar submetida à ordem desse sistema de educação.

Faremos uma breve apresentação do pensamento museológico contemporâneo como forma de justificar o papel educativo assumido pelo MLP, para, em seguida, discutirmos e analisarmos o funcionamento discursivo do MLP como um sistema de educação.

3. O papel educativo do museu

Paul Valéry, em *O problema dos museus* (2008), texto publicado pela primeira vez em 1931, faz um relato melancólico a partir de uma visita ao Museu do Louvre, local que, para ele, estava povoado de “solidões cêreas”, era um reduto de “visões mortas”. O argumento que fundamenta seu texto está baseado no fato de que nenhum museu, apesar de muitos deles serem admiráveis, é delicioso. Para Valéry (2008, p. 31), “as ideias de classificação, conservação e utilidade pública, que são justas e claras, guardam pouca relação com as delícias”.

No início do século XX, a opinião de Valéry sobre os museus é compartilhada com Filippo Marinetti e Jean Cocteau. Enquanto este qualificava o Louvre como “depósito de cadáveres”, aquele chamava as bibliotecas e os museus de “cemitérios” e preconizava sua destruição. De algum modo, o texto de Valéry (2008) expõe uma das críticas sofridas pela instituição museológica desde sua criação, a de parecer um contentor passivo de coleções.

As contínuas crises que atingiram a instituição museológica foram agravadas pela crítica de arte de vanguarda e pelas destruições decorrentes da Segunda Guerra Mundial, mas não se mostraram suficientes para impedir que a instituição fosse ampliando seu papel crucial dentro das sociedades contemporâneas.

Paradoxalmente, tais crises acabaram por reafirmar o poder do museu como instituição de referência e de síntese, capaz de evoluir e de oferecer modelos alternativos especialmente adequados para assinalar, caracterizar e transmitir os valores e os signos dos tempos (MONTANER, 2003, p. 8).

A partir da década de 1950, a preocupação comum dos envolvidos em práticas museológicas foi a de definir a função social do museu¹. Nessa perspectiva, um documento é fundamental para a compreensão do pensamento museológico contemporâneo: o documento final do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, evento ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 1958.

O Seminário Regional, realizado na cidade do Rio de Janeiro, no período de 07 a 30 de setembro de 1958, foi organizado pela UNESCO em parceria com o Conselho Internacional de Museus (ICOM) e com autoridades e especialistas brasileiros, visando a atender uma demanda da própria UNESCO de propiciar uma reflexão acerca da função que deveria ser cumprida pelo museu como meio educativo dentro da sociedade, envolvendo diferentes países.

De acordo com Crespo Toral (1995, p. 10),

o Seminário do Rio de Janeiro marcou o desenvolvimento da cultura latino-americana, pois colocou problemas essenciais para a transformação do museu em um elemento dinâmico dentro da sociedade. Ao considerá-lo um espaço adequado para a educação formal, lhe conferiu a capacidade de inserção dentro da comunidade, com uma função ativa, a função de transformação do desenvolvimento.

Uma das definições fundamentais aprovadas nesse Seminário foi retirada do estatuto do ICOM e refere-se à definição de museu:

um museu é um estabelecimento permanente, administrado para satisfazer o interesse geral de conservar, estudar, evidenciar através de diversos meios e **essencialmente expor para o deleite e educação do público**, um conjunto de

¹ De acordo com Suano (1986) essa preocupação remonta ao início do século XIX quando têm início estudos sobre o aprendizado, a educação e a necessidade de educar o maior número possível de pessoas, de todas as classes sociais, o que, de alguma maneira, influenciou o museu.

elementos de valor cultural: coleções de interesse artístico, histórico, científico e técnico, jardins botânicos, zoológicos e aquários, etc (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 11, destaque nosso).

Além dessa definição, o Seminário abordou questões relativas à relação entre museu e educação, como afirmamos anteriormente, mas também sobre órgãos didáticos, tipos de exposição – tomada como meio específico do museu –, sonorização do ambiente da exposição e valor didático da exposição segundo as classes de museus.

Interessa-nos destacar o seguinte trecho da conclusão do documento: “Com a condição de que seja **lógica e agradável**, e que proponha, em vez de impor, a exposição terá por si valor didático” (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 16, destaque nosso).

Sobre o valor didático do museu, Crespo Toral (1995, p. 10, destaque nosso), afirma que “Quando se reivindica ser indispensável que o museu esteja relacionado com a escola, e que esta relação seja **harmoniosa e coerente**, coloca-se à disposição da escola a capacidade do museu de objetivar muitos dos conceitos abstratos que se impõe ao ensino”. E acrescenta que

[...] hoje, mais do que nunca, a função educativa do museu, defendida por aquela Reunião do Rio de Janeiro, tem que ser enriquecida com uma **faceta informativa suficientemente atrativa** para competir com outros meios que não só estão inseridos na sociedade, mas que atuam em nossas vidas cotidianas (CRESCO TORAL, 1995, p. 10, destaque nosso).

É nessa perspectiva contemporânea que considera o museu um espaço educativo, agradável e tão informativo e atrativo quanto outros meios disponíveis no meio social, que surge o MLP no Brasil. De acordo com Suano (1986), a aparição de um objeto como “peça de museu” lhe confere, quase sempre, uma aura de importância e um estatuto de valor cultural que ele não possuía antes ou que não era notado. Acreditamos que, em nosso caso, a aura de importância e o estatuto de valor cultural conferido à língua portuguesa em nosso país já existiam, mas, de alguma forma, são evidenciados pelo MLP.

4. A ordem dos discursos no Museu da Língua Portuguesa

Em *A ordem do discurso*, Michel Foucault (2010) apresenta tipos diferentes de procedimentos que, de alguma maneira, controlam a produção de discursos. Interessa-nos destacar, aqui, os procedimentos de exclusão – interdição e vontade de verdade – e os procedimentos de rarefação dos sujeitos que falam. Abordaremos as reflexões teóricas foucaultianas em torno da produção dos discursos, relacionando-as a nosso material de análise: duas instalações permanentes do MLP, a saber, *Palavra Cruzada* e *Beco das Palavras* e duas instalações da exposição temporária *Menas: o certo do errado, o errado do certo*, a saber, *Óculos* e *Erros nossos de cada dia*².

A interdição está relacionada ao fato de que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2010, p. 9). De acordo com Foucault (2010), na política,

² Assumimos, aqui, o pressuposto teórico da semântica global, postulado por Dominique Maingueneau (2005), a partir do qual o discurso está em todo lugar, o que inviabiliza uma análise quantitativa ou exaustiva dos dados.

campo em que se inscrevem os discursos sobre língua³, o jogo das interdições é ainda mais cerrado.

As interdições que atingem o discurso são reveladoras de sua ligação com o desejo e o poder. Nesse sentido, Foucault (2010, p. 10) afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. No MLP, verifica-se certa tensão entre um dizer prescritivo, aliado à gramática normativa, e um dizer aliado à Sociolinguística variacionista, em torno do poder de dizer a língua.

Com relação à vontade de verdade, destacamos que, assim como os outros sistemas de exclusão apontados por Foucault (2010), ela apoia-se sobre um suporte institucional. Práticas como a pedagogia, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, (e também dos museus) são responsáveis por reforçar, reconduzir, aplicar, valorizar, distribuir e repartir determinados discursos em uma sociedade. A vontade de verdade de um discurso, apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tenderia a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e um poder de coerção.

Conforme apontamos na introdução deste trabalho, a perspectiva da gramática tradicional parece, ainda hoje, ser o discurso que conta com todo um aparato institucional para sua valorização e distribuição em nossa sociedade. Em alguma medida, o MLP também contribuiria, institucionalmente, para a valorização e distribuição de um discurso prescritivo sobre a língua e submeteria outros discursos (outras vontades de verdade) sobre língua como, por exemplo, aqueles que estão relacionados à área da Sociolinguística Variacionista, a seu funcionamento.

Outro grupo de procedimentos que permite o controle dos discursos está relacionado aos sujeitos que falam: “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2010, p. 37). A questão que se coloca diante de nosso *corpus* de análise é quem pode entrar na ordem do discurso sobre língua; quem, em nossa sociedade, satisfaz às exigências desse discurso e está qualificado para fazê-lo no MLP?

A apropriação social dos discursos se dá por meio de grandes planos, entre eles, a educação. De acordo com Foucault (2010, p. 44), “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. O MLP, tomado com um sistema de educação, remete às relações de poder que se estabelecem entre discursos aparentemente divergentes sobre a língua portuguesa, ou seja, ao embate pela hegemonia de dizer a língua no campo político.

Passamos, agora, à descrição e análise de parte das instalações permanentes do museu e de parte das instalações da exposição temporária *Menas*, como forma de sustentar as afirmações que fizemos.

5. Nossa língua é dinâmica, rica e viva, mas...

Fundado em 20 de março de 2006, o MLP ocupa, aproximadamente, 4 mil metros quadrados do total de 7,5 mil metros quadrados do complexo arquitetônico da Estação da Luz – espaço que até o ano de 2001 era destinado aos escritórios da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) – e é resultado de uma parceria entre o Governo do Estado de São Paulo e a Fundação Roberto Marinho, empresa à qual coube a mobilização de uma numerosa

³ Os discursos sobre a língua que emergem nos espaços expositivos do MLP delimitam-se no interior do campo político; perpassados pelo discurso pedagógico, eles parecem legitimar o prestígio e o valor do português brasileiro em detrimento das demais variedades da língua portuguesa.

equipe de profissionais, entre eles, sociólogos, museólogos, especialistas em língua portuguesa e artistas para a concepção do museu, cujo projeto foi avaliado em R\$ 37.000.000,00 usados para financiar a criação, pesquisa e implantação do museu e a restauração do edifício.

De acordo com a descrição da instituição, disponível em seu *site*, o diferencial do museu em relação às demais instituições museológicas do país refere-se ao fato de que ele é dedicado à valorização e difusão do nosso idioma⁴ – um patrimônio imaterial –, apresenta uma forma expositiva diferenciada de seus conteúdos e utiliza tecnologia de ponta e recursos interativos.

Seus principais objetivos, também de acordo com a descrição disponível em seu *site* institucional, são:

- mostrar a língua como elemento fundamental e fundador da nossa cultura;
- celebrar e valorizar a Língua Portuguesa, apresentando suas origens, história e influências sofridas; aproximar o cidadão usuário de seu idioma, mostrando que ele é o verdadeiro “proprietário” e agente modificador da Língua Portuguesa;
- valorizar a diversidade da Cultura Brasileira;
- favorecer o intercâmbio entre os diversos países de Língua Portuguesa;
- promover cursos, palestras e seminários sobre a Língua Portuguesa e temas pertinentes;
- realizar exposições temporárias sobre temas relacionados à Língua Portuguesa e suas diversas áreas de influência (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010).

Em cinco anos de existência, mais de 2.500.000 pessoas (aproximadamente 50% desse total são estudantes) já visitaram as instalações do MLP que estão distribuídas em três andares.

O primeiro andar é destinado às exposições temporárias e também comporta a administração e o setor educativo do museu que conta com uma sala de aula para cinquenta pessoas, onde são oferecidos cursos e palestras gratuitamente, e um espaço digital capaz de atender até vinte pessoas.

O segundo andar, que abriga espaços expositivos permanentes, está dividido em seis partes:

- 1) *Grande Galeria* – é um espaço que conta com uma tela de 106 metros de extensão na qual são projetados filmes simultâneos. Cada projeção ocupa nove metros da tela, possui duração de seis minutos e trata de temas tais como, cotidiano, danças, festas, carnaval, futebol, música, relações humanas, culinária, valores, saberes e cultura portuguesa.
- 2) *Palavras Cruzadas* – é um espaço ocupado por totens interativos que permitem o acesso multimídia a informações sobre as línguas e os povos que contribuíram para a formação do português brasileiro. Esse espaço conta também com um totem dedicado às variedades linguísticas do português falado nos demais países lusófonos.
- 3) *Linha do Tempo* – é um grande painel no qual são mostradas as origens remotas da língua portuguesa, desde o etrusco, o latim clássico e vulgar e as línguas românicas antigas até as línguas que compõem o português brasileiro contemporâneo, a saber, o português europeu, as línguas indígenas e africanas.

⁴ Parece-nos que, no caso do MLP, a valorização do idioma e da identidade cultural refere-se tão somente à variante brasileira da língua portuguesa e à identidade cultural brasileira. As demais variantes linguísticas e as demais culturas relacionadas à língua portuguesa, como procuraremos mostrar em nossas análises, emergem nos espaços expositivos do museu como forma de reafirmar “nossa língua”, “nossa pátria”, “nossa identidade cultural”.

- 4) *Beco das Palavras* – é uma sala com mesas de projeção que permitem, aos visitantes, manipular fragmentos de palavras (radicais, prefixos e sufixos) com a finalidade de formar palavras completas e, conseqüentemente, conhecer sua origem e significados.
- 5) *História da Estação da Luz* – localizada em um corredor com iluminação natural, é composta por painéis que procuram mostrar um pouco da história do edifício sede da Estação da Luz e os trabalhos de restauração que antecederam a implantação do museu.
- 6) *Mapa dos Falares* – trata-se de uma tela interativa com um grande mapa do Brasil, na qual o visitante pode escolher uma localidade para ver e ouvir depoimentos de diversas pessoas e, verificar, desse modo, as variedades regionais do português brasileiro.

O terceiro andar abriga um auditório no qual é projetado, em uma tela de nove metros de largura, um curta-metragem sobre as origens da língua portuguesa falada no Brasil. A tela é também uma grande porta basculante para a *Praça da Língua*, uma espécie de “planetário de palavras” composto por imagens projetadas no teto e no piso e áudio de textos literários, em prova e verso, e canções em língua portuguesa.

Além dos três andares para visitação, os elevadores do MLP são também espaços expositivos, pois permitem a visualização da *Árvore das Palavras*, uma escultura de dezesseis metros criada por Rafic Farah, em que podem ser lidas palavras em português e palavras que contribuíram para a formação do português brasileiro e ver representações de objetos e animais. No interior dos elevadores, ouve-se algo que se assemelha a um mantra, composto por Arnaldo Antunes, em que “língua” e “palavra” são repetidas em vários idiomas.

As instalações internas do MLP parecem ter sido cuidadosamente pensadas para atender ao valor educativo e didático preconizado pelo pensamento museológico contemporâneo.

Localizada no segundo andar, a instalação *Palavras Cruzadas* tem nome de jogo e, distante de medir a capacidade dos jogadores de, a partir de pistas, completar linhas com quadrados em branco que se cruzam, os oito totens dispõem de computadores com telas sensíveis ao toque que permitem ao visitante tocar as palavras de seu interesse, ouvir sua pronúncia em língua portuguesa e na língua referente ao totem e obter seu significado⁵ – uma atividade didática “informativa e suficientemente atrativa” capaz de auxiliar a escola na tarefa do ensino da origem das palavras que formam o léxico do português brasileiro.

Nossa hipótese de que, no caso do MLP, a valorização da identidade cultural refere-se tão somente à identidade cultural brasileira é reafirmada nessa instalação, na qual apenas um totem é dedicado às demais variedades do português, sob o título de “Português no mundo”. Em alguma medida, o efeito de sentido decorrente dessa organização da instalação e do título genérico dado ao totem dedicado à comunidade lusófona contribui para uma homogeneização das demais variedades do português e coloca o português brasileiro em posição de destaque, visto que, além deste, há outros sete totens que, de algum modo, explicitam a constituição da identidade linguística e cultural brasileira.

Assim como *Palavras Cruzadas*, *Beco das Palavras* é outra instalação do segundo andar do MLP que se alia ao propósito educativo e didático definido pelo pensamento museológico contemporâneo. As mesas de projeção para manipulação virtual de radicais,

⁵ No totem dedicado à língua espanhola, para citar apenas um exemplo, o visitante seleciona, por meio de toque na tela, uma palavra pertencente a essa língua. O significado dessa palavra em português é mostrado na tela e pode-se ouvir sua pronúncia em espanhol e em português. Formam parte desse totem, na parte oposta à da tela, uma espécie de vitrine na qual estão expostos objetos da cultura hispânica (xale, castanhola, etc.) e um texto “explicativo” sobre o idioma, acompanhado de um mapa que localiza os países onde o espanhol é língua oficial.

prefixos e sufixos, objetivando a formação de palavras e o conhecimento de sua etimologia é uma forma “agradável” de expor os visitantes a um conteúdo escolar que, fora do espaço do museu, é acessado por meio de dicionários etimológicos, cuja “faceta informativa” não parece “suficientemente atrativa”, mas que atua na vida cotidiana da sociedade.

Menas: o certo do errado, o errado do certo, por sua vez, ocorreu no período compreendido entre 15 de março e 27 de junho de 2010 e é a sexta exposição a ocupar o espaço das exposições temporárias. A ideia partiu do secretário de Cultura do Estado de São Paulo, João Sayad, e contou com Ataliba T. de Castilho e Eduardo Calbucci como curadores. De acordo com Antônio Carlos de Moraes Sartini (2010), diretor do museu, “provocação” é a proposta da exposição que ocupou cerca de 450 metros quadrados do museu e foi composta por seis instalações para “enumerar nossos ‘erros’ mais comuns, entender por que saímos do padrão culto e discutir a amplitude e a criatividade da língua”. Ainda de acordo com a apresentação que Sartini (2010) faz da exposição,

“Menas” aproxima o público do nosso idioma, de maneira muito clara, divertida e eficaz, demonstrando que **nossa língua é dinâmica, viva, rica, moldável e que se adapta muito bem ao tempo e ao espaço, mas que existe um padrão culto que deve ser dominado por todos**, pois é exatamente este padrão que permite o diálogo e a comunicação dos demais padrões e entre todos os falantes, independentemente de seus padrões próprios e peculiares (MENAS: O CERTO DO ERRADO, O ERRADO DO CERTO, 2010, p. 9, destaque nosso).

O dizer de Sartini, construído sob a forma *p mas q*, em que o operador argumentativo “mas” introduz o argumento mais forte, oscila entre um posicionamento mais “moderno” com relação à língua, ao tomá-la como “dinâmica”, “rica”, “moldável”, e um posicionamento tradicional que preconiza o domínio de um padrão culto. Nessa construção, o saber de que “toda língua varia”, produzido pela área da Sociolinguística Variacionista, é reconhecido, embora não seja tomado com o mesmo prestígio que o “mito da unidade linguística do Brasil”.

Assim como o dizer de Sartini, a exposição parece colocar em cena discursos que definem língua como norma ou “padrão culto” e estão associados às gramáticas normativas e ao mito da unidade entre as variedades linguísticas do português brasileiro, e discursos que consideram a norma prescritiva apenas um dos muitos aspectos da língua e estão associados aos estudos do campo da Sociolinguística Variacionista. Dito de outra forma, a partir de *Menas*, ora emergem sentidos que se alinham ao discurso daqueles que querem “defender” “a” língua, ora emergem sentidos que se alinham ao discurso daqueles que veem, na variação linguística, opções alternativas, inovadoras que, apesar de não terem sido incorporadas às gramáticas normativas, estão presentes nos usos linguísticos dos brasileiros, inclusive dos considerados “falantes de norma culta”.

Óculos e Erros nossos de cada dia são duas das instalações que compõem a exposição. A primeira é um jogo feito com placas de acrílico em que há frases escondidas em meio ao visível, tais como, “Língua é uso”, “Não há erro absoluto em língua”, “A língua varia no tempo e no espaço”, “Se alguém usou uma palavra, ela existe”, “Todos têm sotaque, ainda bem”, “As gramáticas têm mais dúvidas do que certezas”, “Saber falar e escrever é fazer-se compreender”, “O erro de hoje pode ser o acerto de amanhã” e “Quero ser um poliglota na minha própria língua”. A segunda é formada por um painel de três metros de altura por doze metros de comprimento com cem ocorrências de usos da língua, seguidas de comentários que procuram mostrar que, por trás de cada um dos usos ou “erros”, “há uma utilização criativa da língua, uma lógica interna das estruturas, uma analogia que os justifica” (MENAS: O CERTO

DO ERRADO, O ERRADO DO CERTO, 2010, p. 27). Reproduzimos, abaixo, imagens de ambas as instalações:



Ilustração 1 – Óculos

Fonte – <http://www.poesis.org.br/mlp/expo/menas/index.html> (2010)



Ilustração 2 – Parte de *Erros nossos de cada dia*

Fonte – <http://www.poesis.org.br/mlp/expo/menas/index.html> (2010)

Por um lado, *Óculos* exige que o visitante abaixe-se, curve-se ou direcione seu olhar de forma perpendicular para conseguir ler as frases ocultas, o que nem sempre se dá de forma

satisfatória, e parece veicular um discurso em torno da língua que considera a precedência do uso à norma – como é materializado nos enunciados “Língua é uso” e “Se alguém usou uma palavra, ela existe” –, reconhece a variação linguística – como é materializado nos enunciados “A língua varia no tempo e no espaço”, “Todos têm sotaque, ainda bem” e “O erro de hoje pode ser o acerto de amanhã” – e descarta a centralidade da gramática normativa na definição da língua – como é materializado do enunciado “As gramáticas têm mais dúvidas do que certezas”.

Os enunciados que compõem *Óculos* apenas aparentemente parecem estar ancorados no que se diz sobre a língua a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Há, nessa instalação, em alguma medida, uma distorção do dizer dos sociolinguistas que afirmariam, por exemplo, que “o uso precede a norma” ou que “o uso estrutura o sistema linguístico”, mas que não restringiriam a definição de língua a uso, tal como é veiculado na exposição.

Por outro lado, *Erros nossos de cada dia*, é um conjunto de usos linguísticos estigmatizados que são dados a ler sem qualquer esforço por parte do visitante (contrariamente ao que ocorre em *Óculos*), acompanhados de comentários que, embora não pareçam ou não tenham esta pretensão, são normativos. O painel não se limita, por exemplo, a reconhecer que, no uso efetivo que os falantes do português brasileiro fazem da língua, há construções sintáticas em situação de concorrência, tais como, “Os padrões de previsão do tempo, devido ao aquecimento global, varia” e “Os padrões de previsão do tempo, devido ao aquecimento global, variam”. O comentário que acompanha o uso que goza de menos prestígio social, na maioria das vezes, é de caráter normativo. Nesse quadro do painel, a prescrição é “O núcleo do sujeito nesta oração é ‘padrões’, que está no plural. Portanto o verbo **deve estar** no plural também: ‘os padrões de previsão do tempo, devido ao aquecimento global, variam’ (destaque nosso).

6. Considerações finais

No MLP, como procuramos mostrar por meio de nossas análises, a tensão entre discursos aparentemente divergentes sobre a língua parece ser apagada por um modo de enunciação baseado no lúdico e na interação, o que culmina em um discurso sobre a língua que ora parece ancorar-se no saber produzido pelo campo da Sociolinguística Variacionista de que *as línguas variam*, ora parece procurar reproduzir e manter o *mito da unidade linguística* preconizado pelas gramáticas normativas. Trata-se, em alguma medida, de um modo de dizer a língua “moderno, mas nem tanto”. Essa “modernidade” deve-se ao fato de que o discurso normativista que emerge nos espaços expositivos do museu está ancorado na Sociolinguística. Esse dizer soa como algo “moderninho” em relação à língua, mas submete-se a uma necessidade/vontade de manter “a” unidade do português brasileiro, o que em termos não só discursivos, mas políticos garantiria nossa identidade cultural.

No MLP, o saber em torno da variação linguística sofre interdição se e apenas se “ameaça” a necessidade/vontade de manter “a” unidade do português brasileiro. Em *Erros nosso de cada dia*, esse saber é convocado para o prescritivo funcionar: a instalação expõe usos linguísticos efetivos, mas os “condena” quando, por meio de comentários que acompanham esses usos, prescreve *uma* norma. Em *Óculos*, diferentemente, parece haver uma exposição maior de um dizer associado ao campo dos estudos sobre linguagem, apesar de distorcido, no entanto, o acesso a esse dizer é dificultado pelo modo como a instalação é apresentada. Em *Palavras Cruzadas*, esse saber novamente é interdito como forma de contrapor o português brasileiro às demais variantes do português e às línguas que contribuíram para a sua formação, todas elas tomadas como homogêneas.

Acreditamos que o MLP configura e solidifica certa lealdade linguística que é também uma forma de lealdade nacional, expõe certas variedades internas do português falado no Brasil, minimiza suas diferenças e estimula sua coesão linguística em um processo que visa a encorajar a distinção externa. O MLP, tomado como um sistema de educação, procura manter a apropriação dos discursos prescritivos sobre a variante brasileira do português em função de que os saberes e os poderes que eles trazem consigo, tradicionalmente, nos identificam como nação e “garantem”, em alguma medida, nossa unidade.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo**: documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. Disponível em: <<http://migre.me/49Ft3>>. Acesso em 27 jul. 2010.

CRESPO TORAL, Hernan. Seminário regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, Rio de Janeiro – 1958. Tradução de Marcelo Mattos Araújo. In: Araújo, Marcelo Mattos; Bruno, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo**: documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. Disponível em: <<http://migre.me/49Ft3>>. Acesso em 27 jul. 2010.

FOUCAUL, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.

MAINGUENAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

MENAS, O CERTO DO ERRADO, O ERRADO DO CERTO. **A exposição**. Disponível em: <<http://www.poiesis.org.br/mlp/expo/menas/index.html>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

MONTANER, Josep Maria. **Museus para o século XXI**. Tradução de Eliana Aguiar. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Título original: Museos para el siglo XXI.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/institucional.php>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

SARTINI, Antônio Carlos de Moraes. **Menas**: o certo do errado, o errado do certo. Disponível em: <<http://www.poiesis.org.br/mlp/expo/menas/index.html>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VALÉRY, Paul. O problema dos museus. Tradução de Sônia Salztein. *ARS*, São Paulo, v.6, n.12, jul-dez. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/49FwA>>. Acesso em 2 mar. 2011: 30-35.